

# Panorama social brasileiro

MANUEL DIÉGUES JÚNIOR

## 1. ORIGENS: O QUADRO INICIAL

*Fundamentos rurais da vida brasileira*  
*A expansão do povoamento e a diversificação do*  
*panorama social*  
*As primeiras transformações estruturais: o surto*  
*urbano das Minas Gerais do século XVIII*

Prendem-se ao meio rural as origens da vida brasileira. Nossa sociedade começou a formar-se nos engenhos de açúcar que, na extensão do litoral, fundaram os que vieram como colonizadores e povoadores da terra descoberta por CABRAL. Portugal transmitia ao novo território americano a experiência que nas Ilhas e na África já vinha iniciando, como que compensando-se das transformações que a vida marítima havia trazido à sua tradição rural. É assim que se fundam, no Brasil, centros de exploração econômica, dentro dos quais se organiza a vida social.

As primeiras características de nossa sociedade vêm, pois, do ambiente rural. A sociedade que se forma encontra seus alicerces no engenho de açúcar, e com a exploração monocultora da terra introduzem-se a escravidão, como forma de trabalho, e o patriarcalismo, como forma de organização social. São as primeiras características de nossa formação; aquelas que iriam marcar como que a personalidade brasileira, caracterizando-lhe as diversas manifestações de vida tanto psicológica quanto puramente social, tanto política quanto nitidamente cultural. Impregna-se o Brasil de vida rural; e através do tempo, por todo o quadro de nossa formação, não é outro o cheiro que se sente: o da vida rural, o do mundo rural, o do ambiente rural.

Através dos centros de exploração econômica se fundamenta a organização social. A proporção que se alastra o povoamento, expandindo-se a população brasileira, já em franco processo de mestiçagem, novos centros de exploração econômica vão sendo fundados. É sempre a marca rural que os caracteriza. São atividades de exploração da terra, variando de conformidade com as condições do meio, de acordo com os recursos disponíveis, atendidas as peculiaridades de cada *habitat*. O ambiente social que se forma resulta dessa simbiose entre o homem e o meio, criando uma característica de vida, decorrente da própria situação regional.

Cada núcleo humano está ligado, através de uma atividade econômica, ao meio em que se implanta. Daí as formas peculiares com que o povoamento se foi fixando através do território brasileiro. Primeiro, os engenhos de açúcar no litoral agrário; depois, as fazendas de criação de gado no mediterrâneo nordestino, nascidas da expansão do povoamento, que se foi alargando da faixa litorânea; mais tarde, a expansão para o norte alcança a região amazônica, adaptando-se então às condições do meio, com a constituição de uma sociedade que se criou sob as influências do rio e da floresta; para o sul, a partir de São Vicente, o povoamento alcança o planalto, São Paulo de Piratininga, e isto quando o processo de mestiçagem já havia criado o elemento número um nesta cami-

nhada de penetração interiorana: o mameluco, produto das reações entre o colonizador branco e o índio amarelo. De São Paulo de Piratininga, a marcha se expande encontrando as minas de ouro no que constitui hoje o território das Minas Gerais, e, declinando para o oeste, chega às minas de ouro que iriam dar lugar à fundação de Goiás e de Mato Grosso; e aqueles mesmos bandeirantes que, saindo de Piratininga, procuraram, para o centro e o oeste, as minas que os fixariam, caminham para o sul com a mesma intenção. Contudo, como não encontram minas, adaptam-se ao que o meio lhes proporciona, isto é, condições adequadas à criação de gado, e por aí se vão fixando: campos de Guarapuava, de Curitiba, Lajes, para o sul, até encontrar o gado vindo do outro extremo, tangido pela expansão de origem castelhana. O gaúcho, no extremo sul, torna-se um produto desse encontro. Elementos culturais castelhanos, portugueses, indígenas se dão as mãos, e dançam a ciranda da mestiçagem étnica, de que resulta não especificamente um tipo físico, mas essencialmente um tipo cultural: o gaúcho, que é, embora com suas características peculiares, o mesmo profissional da criação de gado no nordeste mediterrâneo ou nos campos amazônicos do Rio Branco ou do Marajó, cada um dos três tipos apresentando suas peculiaridades, suas marcas regionais, suas características culturais.

De fato, é de ver-se como a influência — mas não o determinismo — do ambiente, pelo trabalho do homem, fez de profissionais de uma mesma atividade — no caso, a criação do gado — três tipos culturais bem definidos: o vaqueiro dos campos amazônicos, o vaqueiro do Nordeste, o vaqueiro do extremo sul. Trajes típicos, comidas características, modos de trabalho adaptados ao meio. Um, usando chapéu de palha, camisa de algodãozinho, no meio equatorial; outro, vestindo-se de couro — de couro: o gibão, o chapéu, as calças, as alpercatas — para vencer o agressivo das caatingas; o terceiro, usando o lenço de seda, o poncho de lã, o chapéu de feltro, para dominar as baixas condições de temperatura. Cada ambiente criou, dentro de uma mesma atividade econômica, um tipo social, que se traduz numa forma de vida culturalmente representativa do ambiente em que se produziu.

Mais tarde, o Brasil, tornado independente, prosseguiu a expansão povoadora. Vêm correntes imigratórias — alemãs, a princípio, mais tarde, italianas, polonesas, russas — que ocupam o bolsão entre as velhas áreas castelhanas e açorianas da formação do Rio Grande do Sul; e a partir daí se irradiam, expandindo-se as primitivas colônias. Não foi diferente a marcha da ocupação humana através do vale do Paraíba, com o brasileiro vindo da velha província fluminense para ir beirando o rio, passo a passo, com os cafêzais que iriam atravessar Minas Gerais e atingir São Paulo.

Nas Minas Gerais, esse processo da travessia do café trouxe uma sensível marca em sua formação. Enquanto a zona da mata sentiu a influência do elemento fluminense, com o trabalho agrário baseado no escravo, a zona do sul foi influenciada pelos valores paulistas, aí já não mais escravo do trabalho, e sim livre, sobretudo com a utilização da mão-de-obra italiana. Tais condições permitiram justamente que o processo de ocupação humana decorresse sempre num sistema de relações em que o homem procurava vencer o meio, adaptando-se às principais contingências de suas necessidades.

A cada expansão do povoamento, criando uma forma de fixação social, com base numa experiência econômica, correspondeu a formação de uma marca cultural típica. Foi o que chamamos, em estudo já divulgado, de *Regiões Culturais do Brasil*. São regiões ou áreas que se caracterizam culturalmente pela originalidade de sua vida, dentro da unidade da cultura nacional. Não é uma cissiparidade; representa uma adaptação regional de um complexo maior. Não é uma separação; constitui antes um resultado equilibrado da expansão do povoamento, adaptando-se o homem aos recursos do ambiente, que ele próprio cria.

Cada região se marcou pela influência rural. As marcas da vida rural, as relações primárias que inicialmente se estabeleceram, exprimem a caracterização de uma sociedade diretamente ligada à natureza. Só uma experiência começa a

oferecer frutos diferentes: a da formação dos núcleos humanos nas minas de ouro e de diamantes. São os arraiais. Aí vamos encontrar o que poderíamos chamar a primeira experiência de vida urbana no Brasil. É, de fato, na região das Minas Gerais que surgem as primeiras manifestações urbanas, com transformações bem características, e que vão depois assinalar, pelo alastramento e adaptação a cada ambiente, as próprias modificações da sociedade brasileira.

As idéias de vida urbana no Brasil parece fora de dúvida terem surgido com os holandeses no Recife. O domínio flamengo foi um domínio urbano, em tremendo contraste com o mundo rural que então sustentava a capitania quartina. Implantaram-se os holandeses numa área que eles tornaram cidade, dando-lhe feição urbana. Contudo, não se fixaram com as raízes que seria de esperar, pois o grude mesmo, o que prendia, vinha dos alicerces rurais. Foi, dentro do quadro brasileiro de então, uma experiência esporádica; não seria difícil, por isso mesmo, o fracasso da experiência urbana do Recife: experiência, aliás, restrita ao Recife, e nem mesmo alongada a outras partes do Nordeste, igualmente sob domínio neerlandês.

Assim, nem a experiência holandesa de vida urbana no Recife, nem Salvador sendo sede do governo geral e, depois, do vice-reinado chegaram a constituir um meio urbano devidamente caracterizado ou permanente. Ao contrário: representaram sempre, as duas experiências, antes uma influência espontânea, natural, quase sedutora, do predomínio do rural sobre o urbano; o predomínio das casas grandes das fazendas, ricas ou modestas, sobre os sobrados das cidades, que cidades já eram chamadas no século XVII o Recife e Salvador. Contudo, à sombra quase permanente do ambiente rural, as marcas tipicamente rurais de vida projetavam-se sobre as cidades, dando-lhes menos um ar urbano do que lhes imprimindo como que um prolongamento, mais aperfeiçoado, já com tipos de relações sociais em modificação, do ambiente rural. Influências visíveis dos homens da agricultura, do criatório, da mineração, da extração se fazem sentir, projetam-se nitidamente sobre o ambiente da cidade. Se se podia chamar cidade ou área urbana às sedes governamentais.

Partem da área mineira, pois, as primeiras manifestações de vida urbana, com tôdas as suas características, inclusive de atividade intelectual. "Uma espécie de Weimar", chamou SÍLVIO ROMERO à Vila Rica dos meados do século XVIII. Suas palavras eram como que o eco daquelas que vinham de antes; a SAINT-HILAIRE parece a sociedade do Tejuco com "urbanidade sem afetação", e MARTIUS encontrou costumes de civilização européia entre os habitantes das Minas.

É daí que nos vêm as primeiras manifestações de vida urbana; os primeiros sinais das transformações sociais que iriam projetar-se no século XIX, e aí fixar-se de modo sensível. Justamente quando o Brasil, tornado independente, passa a sede da Côrte. Côrte que, desde os começos do século, já o era, em virtude da permanência do Príncipe Real e, depois Rei, desde 1808. A Côrte abre, portanto, não apenas o verdadeiro período de vida urbana no Brasil, mas sobretudo a época das grandes mudanças sociais que se vão assinalar no panorama brasileiro. E que o século XIX testemunha e afirma.

## 2. MUDANÇAS SOCIAIS A PARTIR DO SÉCULO XIX

*O século XIX na vida brasileira*  
*As transformações sociais verificadas e suas*  
*principais expressões*  
*Formação de uma sociedade urbana a partir*  
*dos fins do século XIX*  
*Primórdios da industrialização e sua influên-*  
*cia nas mudanças sociais*

Ao professor GEORGE FOSTER vamos pedir a sua explicação das tendências opostas que se verificam no processo de relações de cultura: uma para a diver-

sificação, outra para a simplificação. No princípio, é a simplificação: formas semelhantes se estendem sobre a grande superfície do território nacional, pela persistência de elementos comuns que combinados dão um caráter único aos diversos grupos humanos. Depois, à proporção que os grupos se espalham, é a diversificação: o surgimento de formas regionais ou locais, que vão diversificando a paisagem brasileira. Cria-se a diversidade dentro da unidade.

Foi o que se verificou no panorama social do Brasil: a simplificação dos seus inícios deu lugar, como vimos, à diversificação que surge com a expansão do povoamento, a formação de regiões características, quadro que o século XIX iria encontrar perfeitamente caracterizado. É, de fato, a centúria passada aquela em que, com as influências que se vêm acumulando dos séculos anteriores, se encontra a grande diversificação da vida brasileira. Fatores diversos para isso concorrem.

Em primeiro lugar, a abertura dos portos se torna uma oportunidade para o recebimento de influências novas, e não apenas aquelas que nos eram trazidas de Portugal, às vezes não exclusivamente portuguesas, mas geralmente ibéricas e, não raro, européas. Depois, tornado o Brasil independente, forma-se uma sociedade nova, em que se procura desmanchar o que era influência puramente lusitana, para dar margem ao acolhimento de outras influências que, igualmente européas, nos vinham porém da França, às vezes da Itália ou da Alemanha. Da França sobretudo. Pois são francesas principalmente as tendências que se observam na formação da sociedade brasileira independente, a partir do século XIX, numa sobreposição ou desprezo ao que era português. A tudo que, sendo português, lembrava a vida colonial.

O teatro constitui um dos instrumentos dessa renovação cultural. Se era moda fidalgos e nobres freqüentá-lo, também o freqüentavam os da terra. E estes eram o público que com mais encantamento aplaudia peças em que havia críticas aos hábitos, aos usos, aos costumes anteriores, da era colonial. Tornava-se o teatro ponto de reunião social, atraindo as companhias francesas, italianas ou alemãs o grande público. E por intermédio dêle introduziam-se influências novas, que não as portuguesas, nos costumes já agora abrasileirando-se. Para a Europa, de modo geral, voltavam-se as preocupações dos brasileiros.

Nas vésperas da Independência, uma observadora de admirável sensibilidade como foi MARIA GRAHAM registrava que o Brasil como que se voltava para a Europa. No fim do século, mal proclamada a República, um outro observador, este agora alemão — o magnífico MAURICIO LAMBERG — observava que a França resume para os brasileiros tudo o que há de mais belo, mais nobre e mais invejável no mundo. Daí a origem das transformações que se começaram a introduzir no panorama social brasileiro, a partir do século XIX.

Com a abertura dos portos entram no Brasil cientistas, viajantes, cronistas, homens de comércio; entram também imigrantes que se vão localizar principalmente no Sul do Brasil. É a essa região que o elemento imigrado — a princípio, o alemão, depois, o italiano, mais tarde, outras etnias — vai marcar com sua influência cultural, dando-lhe feições bem diferentes do outro Brasil, o que conservava mais marcadamente a origem lusitana. Não são poucas as modificações que o imigrante introduz, tanto na vida econômica quanto na vida social; o processo de urbanização de áreas sulinas e o de industrialização também em áreas sulinas se acentuam com sua preponderância.

Justamente no decorrer do século XIX a industrialização começa a marcar aqui e ali o panorama social. O brasileiro inicia sua transformação sob os influxos da industrialização. São as primeiras tentativas caracterizadas pela indústria têxtil ou pelo aproveitamento de outros produtos rurais. Ou, tal como se verificou no Sul — no Rio Grande ou em Santa Catarina, por exemplo —, a trans-

formação do artesanato rural numa industrialização urbana. Pois o que caracteriza *grosso modo* a industrialização daqueles Estados é justamente a formação de um parque industrial surgido do artesanato rural que fôra implantado pelos imigrantes; e, pelos descendentes destes, transformado, ampliado, modificado.

As influências econômicas alongam-se à vida social. A sociedade urbana começa a formar-se, é certo que ainda, em seus primórdios, com alguns característicos rurais, com traços vindos do ambiente rural, que pouco a pouco se vão integrando, adaptando-se ou reinterpretando-se. Costumes rurais alongam-se ao meio urbano; êste, porém, tem fôrças suficientes para ir absorvendo-os ou transformando-os. Certos hábitos e usos modificam-se, e o panorama da sociedade brasileira sente os efeitos de transformações que lhe vão dando nova feição.

O burguesismo comercial surge nos meios urbanos, substituindo não só o patriarcalismo que viera das áreas rurais, mas igualmente o próprio patriarcalismo urbano que se adaptara às capitais. O sobrado urbano não é apenas residência de família, porque é também sede comercial. Ao proclamar-se a República atravessava o Brasil justamente essa fase de transição; de transição da economia agrária ao surto industrial; do patriarcalismo ao burguesismo; do trabalho escravo ao livre; do unitarismo político ao descentralismo federativo. Tais aspectos, influências fortes que iriam acentuar-se no correr dos anos, não poderiam deixar de afetar a estrutura da sociedade brasileira, dando-lhe nova fisionomia.

Nada mais importante nesta fase de transição do que as transformações sociais que se vão verificar, sobretudo com os novos tipos sociais surgidos. Modificam-se os costumes sociais; modificam-se também os gostos arquitetônicos; modifica-se o traje, tanto o masculino quanto o feminino; modificam-se as festas que deixam de ser os saraus familiares, residenciais, para tornar-se festa de clube ou de associação e, sobretudo, festa de rua — festas, as de rua, tão prestigiadas pela Igreja católica com as procissões, as quermesses, as comemorações dos dias santificados; modificam-se também os hábitos de convivência, o noivo ou namorado não mais fazendo visitas em dia marcado, na presença de parentes da noiva ou namorada, mas já utilizando a janela ou a porta, fora da vista dos parentes, para a conversa, quando não o passeio em festas de ruas, em retretas, em procissões.

Ao iniciar-se o século XX, já se podia assinalar o impacto sofrido pela estrutura das classes, com a criação de novas condições sociais decorrentes tanto do desenvolvimento industrial quanto do declínio do patriarcado e da ascensão do proletariado. Os extremos entre uma classe alta — grandes industriais, grandes proprietários, grandes comerciantes, altos funcionários — e uma classe baixa — pequenos funcionários, pequenos empregados e operários — contribuíram para que as classes médias tomassem uma nova fisionomia. Não mais uma classe de equilíbrio, mas evidentemente de desequilíbrio: ora tendendo para um extremo, ora para outro.

Acentuam-se os extremos, em confrontos chocantes, que mais se caracterizam à proporção que o desenvolvimento urbano acompanhado pelo industrial vai marcando a transformação das nossas antigas capitais. Capitais em que, até então, as influências rurais se faziam sentir, e eram agora absorvidas pelas novas tendências de vida social que a urbanização criava. Os primórdios da industrialização, em franco desenvolvimento, contribuem para distinguir-se, no quadro social, essas tendências cada vez mais típicas e características da transformação da sociedade brasileira. E que no Brasil moderno, o Brasil contemporâneo, iriam constituir a principal nuance de seu panorama social.

## 3. PANORAMA SOCIAL DO BRASIL MODERNO

*As guerras mundiais e suas influências na vida brasileira*

*Urbanização e industrialização*

*Mudanças verificadas nas estruturas sociais*

*Características sociais do Brasil contemporâneo. A unidade pela diversidade*

Todo êsse processo de transformação social do Brasil iria encontrar, na primeira grande guerra, de 1914-18, o seu fator de aceleração; é a partir de então até nossos dias que o crescimento industrial, o desenvolvimento urbano, o incremento demográfico, o surgimento de novas condições de vida vão acentuando as modificações sociais do panorama do Brasil, dando-nos o Brasil de hoje: o Brasil contemporâneo, com sua paisagem social em pleno processo de mudança. E a chamada segunda guerra mundial, 1939-45, somente iria acentuar cada vez mais o colorido dêsse quadro.

De fato, é a partir de 1918, com o término da primeira guerra, que as transformações sociais se aceleram. Sucedeu justamente que com o período da guerra se desenvolveu a industrialização brasileira, decorrente de motivos vários que seria supérfluo aqui acentuar. Com a industrialização surgem novas influências, transformações sociais, que marcam sobretudo o distanciamento entre os centros industriais e outros centros urbanos, em que a indústria não cresce tão acentuadamente. O que se verifica, por exemplo, em São Paulo em relação a outras cidades; ou no próprio Rio de Janeiro, então capital federal, em relação a outras capitais.

No mesmo ano em que irrompe a segunda guerra, por uma coincidência que não se deve desprezar, o valor da produção industrial superava o da produção agrícola. Já não nos esteávamos apenas na agricultura — e, dentro da agricultura, na do café — pois a indústria passava à frente no valor dos bens produzidos. São Paulo e o então Distrito Federal representavam os focos principais da produção. Ambos dão surgimento ao que poderíamos chamar de região industrial: a faixa que se expande entre São Paulo e estado da Guanabara, sobrepondo-se em grande parte à antiga região do café, e que do Rio de Janeiro se estende para Juiz de Fora, através de Petrópolis e da antiga União e Indústria; e, em outra direção, se alastra pelo vale do Paraíba para alcançar território paulista e daí expandir-se pelo estado bandeirante.

Urbanização e industrialização se dão as mãos para impulsionar as transformações modernas do Brasil. É certo que nem sempre estão aliados os dois processos; não raro atuam sôzinhos. De qualquer forma, porém, é de notar-se a influência que exerceram proporcionando uma série enorme de transformações, algumas das quais atingindo de modo mais profundo os próprios valores tradicionais de nossa cultura, inclusive aqueles conservados através das manifestações folclóricas. Pois também os folguedos ou danças populares se modificam. É fácil observar-se, nesse panorama de transformações, que folguedos tradicionais vão sofrendo modificações quando não chegam mesmo ao ponto extremo de desaparecimento. Se não há, de modo completo, o abandono ou o esquecimento do folguedo, encontra-se, entretanto, uma adaptação ou reinterpretção, de que resulta o folguedo transformar-se tomando nova fisionomia.

Dentro do contexto social a que pertencem, êsses folguedos naturalmente acompanham as transformações sociais de seu grupo cultural. Persistindo muitas dessas festas tradicionais, outras se vão extinguindo; desaparecem, não raro permanecendo suas marcas, que vão caracterizar outros folguedos surgidos. Alguns resistem; mas transformam-se. Adaptam-se às novas exigências não apenas do tempo cultural, mas sobretudo do contexto social de que participam. Ora modificam suas orquestras originais, introduzindo outros instrumentos; ora

aceitam elementos novos em seu texto; enfim, procuram corresponder às próprias modificações de cultura do grupo de que são parte integrante.

Os processos de urbanização e de industrialização, entretanto, não correm paralelos, não seguem a mesma linha, mas, ao contrário, têm peculiaridades que os tornam variáveis dentro do contexto cultural do Brasil. De fato, o processo de urbanização não tem sido o mesmo no Rio Grande do Sul ou em São Paulo, no Rio de Janeiro ou em Pernambuco, no Pará ou em Minas Gerais; nem o mesmo se verificou em Caxias do Sul ou no Recife, em São Paulo ou em Petrópolis, em Juiz de Fora ou em São Leopoldo, ao se tornar vitorioso o processo de urbanização ou o de industrialização.

Cada uma dessas localidades apresentou predisposições características ao processo de urbanização; o mesmo se pode dizer quanto à industrialização. Condições peculiares levaram ao surgimento da urbanização e ao da industrialização em cada área. Cada uma teve sua forma própria, através de experiências que se acentuaram de acordo com as características da formação social desses núcleos. Deve considerar-se, por exemplo, a época de seu aparecimento; ou, de outro lado, as influências recebidas. Tudo tem de ser considerado no exame desse processo, pois êle influi igualmente nas transformações decorrentes de sua implantação.

Mas não só a urbanização ou a industrialização constituem fatores das transformações; não são causa única para as transformações que se estão verificando. Outros fatores podemos alinhar, inclusive aqueles instrumentos técnicos introduzidos: o automóvel, a estrada de ferro, o rádio, o avião mais modernamente. São meios que rapidamente difundem influência, e com essa influência levam transformações do meio urbano para o rural.

O caminhão, em particular, foi um veículo introdutor de modificações sociais, tornando-se verdadeiro impacto sobre as sociedades do interior. Com a abertura de estradas, êle vai alargando sua influência, vai penetrando em recantos até então inacessíveis. As grandes estradas, como a Rio-Bahia, ou agora a Belém-Brasília, representam os meios que vão utilizar caminhões e automóveis para a difusão de novos elementos culturais. Completa-os o rádio; êste também se inclui entre os fatores de transformações que se verificam presentemente na vida brasileira.

É o rádio um instrumento técnico que está realizando verdadeira transformação no ambiente brasileiro, levando notícias com a mesma rapidez com que são difundidas no ambiente urbano. O que se passa, não apenas no Brasil, mas em qualquer parte do mundo, é logo espalhado pelo rádio; e tanto no Rio de Janeiro ou São Paulo quanto no interior da Amazônia ou de Mato Grosso se sabe na mesma hora a mesma notícia. E com a notícia veiculam-se também as influências — influências de elementos novos, que contribuem para as transformações sociais de nossos dias.

Não se deve esconder também que o alargamento do sistema educacional — alargamento mas nem sempre melhoramento, deve registrar-se de passagem — constitui outro fator de transformação social. Dissemina-se o ensino secundário; alastra-se, talvez em condições um tanto perigosas, o ensino superior; incrementa-se o ensino técnico. Os antigos Liceus de Artes e Ofícios ou Escolas Industriais têm suas tarefas completadas pelo sistema de ensino do SENAI ou do SENAC, a cujo estímulo se deve uma quase revolução na preparação de pessoal para as atividades econômicas do país. Contudo, num quadro geral, podemos dizer que o ensino no Brasil não está acompanhando o ritmo de nosso crescimento tanto social quanto político ou econômico. A política educacional está divorciada da realidade social do país. E êsse divórcio chega ao ponto de pregar-se a criação de uma Universidade do Trabalho, como se se pudesse estabelecer uma cissiparidade no sentido universal de unidade que a universidade, *tout court*, representa.

Êsse quadro de transformações atingiria evidentemente as estruturas sociais; e são essas que realmente sofrem modificações mais expressivas dentro do con-

texto da sociedade brasileira. O desaparecimento quase completo de formas patriarcais na organização da família brasileira pode apontar-se como uma das transformações mais evidentes surgidas. Do patriarcalismo passamos à família nuclear, o que hoje se observa não apenas nas grandes cidades ou capitais, mas igualmente em núcleos menores. Mesmo em núcleos rurais sente-se essa modificação, e a família nuclear também se torna comum, substituindo as antigas formas patriarcais, que antes da abolição incluíam os próprios escravos no quadro de grande família dos senhores rurais. E ao lado do patriarcalismo, o próprio paternalismo começa a transformar-se, mesmo que êle tivesse ressurgido, sob um ponto de vista político, justamente no período em que as transformações sociais se tornavam mais agudas e rápidas com o desenvolvimento da industrialização.

É curioso observar, no quadro social brasileiro, que êsse ressurgimento paternalista se verificou, num mesmo período histórico em que se desenvolve a industrialização do Brasil; não a simples indústria de transformação, mas essencialmente a indústria de base. Volta Redonda se constrói sob o mesmo impulso que animou o paternalismo das relações entre dirigentes e dirigidos; paternalismo que se estendeu às classes operárias, e iria criar a figura do “pai dos pobres” na personalidade do eminente presidente VARGAS, figura curiosa e paradoxal ainda não devidamente estudada como um dos propulsores da grande transformação industrial do Brasil com a implantação da indústria de base e o estímulo às iniciativas que iriam modificar a estrutura econômica do país.

Se tais transformações se limitaram, a princípio, àquelas regiões ou zonas onde aparecia a industrialização, pouco a pouco foram estendendo seu campo de influência, alastrando-se, quer pela criação de novos parques industriais, quer pela difusão e aceitação dos elementos industrializados. A migração humana concorreu para que essas transformações facilmente se transportassem de uma área a outra, de uma região a outra, não raro de um extremo a outro.

É que não somente as capitais se tornaram focos de atração; o alargar de influências fez com que também surgissem no interior cidades que, acompanhando o processo de industrialização e urbanização, iam constituindo-se igualmente em pontos de atração. A diversificação de atividades foi-se tornando um fator de fixação de correntes humanas do interior. De outro lado, os imigrados por vêzes retornavam às suas cidades de origem, aos seus núcleos rurais, aos pequenos povoados; e a êles levariam as influências da grande cidade — do Rio ou de São Paulo, por exemplo; influências que se iriam irradiar e criar um campo propício para o desabrochar de novas condições de vida, modificando as estruturas tradicionais. Desta forma, o intercâmbio de influências de origens diferentes se acentua para formar uma paisagem nova, com transformações evidentes, tanto mais claras quanto se faziam sentir não apenas na variedade das formas de ocupação como, também, na situação das estruturas sociais, e em particular na formação da família.

Desejo, entretanto, registrar que no ritmo de progresso social do Brasil moderno há um entrave a dificultar seu aceleramento; refiro-me à atual estrutura agrária. O sistema de distribuição de propriedade da terra vigente no Brasil de hoje constitui um empecilho ao desenvolvimento integral do país. Os excessos extremistas — do latifúndio, de um lado, e do minifúndio, de outro — perturbam o processo de desenvolvimento nacional; daí êste ser entendido e explorado apenas como industrialização, tornando-se industrialização e desenvolvimento sinônimos. Entretanto, precisa o Brasil de um desenvolvimento global e harmônico, que somente poderá ser alcançado se uma reforma da estrutura agrária acompanhar o crescimento da estrutura industrial. A arcaica estrutura agrária, responsável em grande parte pelas dicotomias regionais, é também responsável pelo desequilíbrio do progresso de umas regiões em relação a outras. Do Nordeste agrário, estribado no latifúndio canavieiro, por exemplo, em relação ao Sul, na área de colonização estrangeira, baseada no regime de pequena propriedade.

Chegamos assim ao quadro das características sociais que o panorama brasileiro hoje apresenta, em que passamos das dicotomias à diversificação; já não podemos falar, em nossos dias, apenas num mundo urbano e num mundo rural, nem no litoral e no sertão; nem no moderno e no arcaico do professor JACQUES LAMBERT; nem no Brasil civilizado e no Brasil rural do professor EMILIO WILLEMS. As dicotomias se transformaram para uma diversidade de quadros em que elas aparecem não mais em caráter nacional, e sim em caráter regional. São aspectos encontrados em cada região e que mostram a expansão cultural da sociedade brasileira e, com ela, as marcas que se foram fixando no panorama do Brasil moderno.

Hoje, não há mais cabimento em se falando em dicotomias nacionais; não existe mais um Brasil moderno, em pleno processo de mudanças, e um Brasil antigo, arcaico, de raízes tradicionais. O que existe são regiões em que as dicotomias se verificam dentro delas próprias. O que se pode traduzir como um caminhar para aquela simplificação da observação do professor FOSTER, isto é, aquela aproximação de formas que se tornam comuns a um território maior.

É possível hoje em dia encontrarmos, nas regiões brasileiras, aquêle “equilíbrio de contrastes” a que se referiu ALCEU AMOROSO LIMA ao fixar as linhas psicológicas do homem brasileiro. É dentro de cada região, e não mais num sentido global, de todo o país, que podemos caracterizar esse equilíbrio de contrastes: contrastes internos em cada região, contrastes urbanos e rurais tanto no Nordeste agrário quanto no extremo Sul pastoril, tanto no Centro quanto no extremo Norte; contrastes que nos permitem identificar o homem brasileiro não mais como variações de uma unidade maior, mas essencialmente como diversidade dentro da unidade cultural brasileira.

O que é, em suma, o retrato do panorama social do Brasil contemporâneo: a unidade pela diversidade. A essa paisagem é que se vêm sobrepondo influências transformadoras que fazem com que uma capital nordestina do litoral tenda a assemelhar-se a uma capital do extremo Sul ou do Centro. O modo de vida regional vai-se influenciando pela intercomunicação com outras regiões. Caminhão, o avião, o rádio se tornam fatores dessas modificações quotidianas, aproximando os homens das diferentes latitudes e levando-lhes influências externas. E a fisionomia da unidade se vai acentuando no quadro dessa diversidade regional. Não é um processo de imitação, mas a aceitação natural e espontânea de valores que se tornam comuns, através de manifestações de pensar, de sentir, de gostar, de ver as coisas, de valorizar os elementos culturais recebidos.

Não falta para marcar o comum do espírito brasileiro um mesmo sentimento psicológico, que lhe acentua a unidade. Há valores psicológicos humanos que se tornaram comuns ao brasileiro qualquer que seja sua região de procedência. São características que nos levam a marcar, no panorama social do Brasil moderno, o brasileiro, com seus traços peculiares, mas alicerçados — os do Norte ou do Sul, do Nordeste ou do Oeste, do litoral ou do sertão, da agricultura ou da indústria — num mesmo fundo psicológico. Um mesmo sentimento, um mesmo valor, uma mesma maneira de sentir, que, embora podendo variar na culinária, no tipo de casa, na valorização das estruturas sociais, às vezes no próprio traje, fazem do amazonense ou do rio-grandense-do-sul, do paulista ou do maranhense, do pernambucano ou do goiano, do alagoano ou do mato-grossense, do carioca ou do catarinense um mesmo brasileiro, um só brasileiro.